

Angústia e trabalho psíquico em Freud como vetores da escuta em psicanálise

Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila)

Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila) é psicanalista, membro dos Departamentos de Psicanálise e Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae. Foi coordenadora e professora do curso Psicanálise com Crianças. Integra o Conselho Editorial da Revista *Percurso*. Interlocutora do grupo de trabalho Investigações a partir de Laplanche e Silvia Bleichmar. Atual articuladora da área de Publicações e Comunicação do Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise 2026-2027. Integra a Comissão de Reparação e Ações Afirmativas.

Resumo Este artigo se detém na primeira teoria da angústia e na passagem da primeira para a segunda, buscando compreender a lógica interna da primeira teoria no que diz respeito à relação entre angústia e trabalho psíquico, e construir alguns eixos teóricos que contribuam para o exame dessa relação na segunda teoria.

Palavras-chave angústia; pulsão; trabalho psíquico; afeto; representação; defesa; Eu.

DOI 10.70048/percurso.76.21-32

Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. [...] Eu queria é decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Eu queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder.¹

Guimarães Rosa

Angústia como exigência de trabalho psíquico em Freud

A relação entre a angústia e os processos psíquicos é central e permanece presente na obra de Freud de fio a pavio. A frase lapidar de Freud, ao definir a pulsão como exigência de trabalho, faz sentido também para pensarmos o lugar ocupado pela angústia.

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a pulsão nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo².

Não se trata de dizer que pulsão e angústia são conceitos semelhantes, mas de investigar o lugar que a angústia ocupa em relação aos processos psíquicos. Não por acaso, a importância da relação entre pulsão e angústia permanece presente nos diferentes momentos da elaboração de Freud, e a reflexão sobre um dos conceitos pode iluminar o outro.

¹ G. Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 96.

² S. Freud, *Pulsão e seus destinos, Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 1, p. 148.



*tal como a pulsão,
a angústia é um conceito
central para pensarmos
nessa exigência de trabalho
imposta ao psíquico, e, portanto,
nas primeiras inscrições,
nas simbolizações
e nas defesas*

Laplanche, em seu estudo inicial sobre a angústia, de 1970, afirma que gostaria de situar a função dos afetos negativos (desprazer, dor e angústia) não apenas na formação dos sintomas, mas também no desencadeamento dos processos psíquicos. Segundo ele: “em que sentido Freud atribui mais ao desprazer do que ao prazer a dinâmica do processo pulsional?”³.

Tal como a pulsão, a angústia é um conceito central para pensarmos nessa *exigência de trabalho imposta ao psíquico*, e, portanto, nas primeiras inscrições, nas simbolizações e nas defesas, assim como nos momentos de estruturação do psiquismo, nos recursos do Eu e na importância do *outro próximo*⁴ em relação a esses processos. Nos mobiliza a investigação sobre a inevitabilidade da presença de caminhos sempre singulares de subjetivação na relação com o outro e em um contexto sócio-histórico particular. E isso em ambas as teorias da angústia, embora existam grandes diferenças entre esses dois momentos da elaboração freudiana.

Começamos pontuando algumas diferenças: na passagem da primeira à segunda teoria da angústia, a relação com a sexualidade é alterada e, com o recalque, invertida. Na primeira teoria, Freud considera que a excitação sexual se transforma em angústia *como efeito da ação defensiva* do recalque diante da sexualidade. Já na segunda teoria, ocorre o contrário: é a angústia, concebida

como sinal diante do perigo, que *suscita a defesa*, e a questão sobre “de que material é feita a angústia”⁵ será não exatamente resolvida, mas posta de lado⁶. A principal pergunta deixa de ser em que condições a *libido psíquica fracassa*⁷ e a excitação se transforma em angústia e passa a ser: *o que é vivido como perigo pelo Eu e como o psiquismo reage diante da angústia*. De qualquer forma, pode-se depreender a relação entre angústia, as vicissitudes psíquicas e sua escuta em ambas as teorias.

Este artigo se detém na primeira teoria da angústia e na passagem da primeira para a segunda, buscando compreender a lógica interna da primeira teoria no que diz respeito à relação entre angústia e trabalho psíquico, e construir alguns eixos teóricos que contribuam para o exame dessa relação na segunda.

Vamos retomar esses dois momentos iniciais em Freud e deixar para outra oportunidade a continuidade da reflexão sobre a segunda teoria da angústia e seus impasses⁸.

A primeira teoria da angústia:
a dimensão afetiva da pulsão

Dois textos dos primórdios servem de referência para depreendermos a relação entre a angústia e os processos psíquicos na primeira teoria da angústia: “As neuropsicoses de defesa”⁹, de 1894, e “Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a ‘neurose de angústia’”¹⁰, de 1895 – artigo em que Freud enuncia sua primeira concepção sobre a angústia. A partir desses dois textos, ficam estabelecidas as diferenças entre o campo das neuroses atuais (neurastenia e neurose de angústia) e o das psiconeuroses, que permanecerão em vigor na teorização freudiana posterior. São artigos exemplares sobre a importância que Freud conferia às configurações psicopatológicas como organizadores teóricos e clínicos.

No artigo sobre as neuroses de defesa, Freud descreve o mecanismo das psiconeuroses: diante de uma ideia intolerável ao Eu, frequentemente

ligada a uma excitação sexual que desperta re-
criminações, a ação da defesa (em outros textos
já denominada de recalque) retira o afeto da re-
presentação, com a finalidade de enfraquecer a
ideia da consciência e eliminar o sentido con-
flitivo. A esse respeito, segundo Freud: “A repre-
sentação fraca, então, não terá exigências a fazer
ao trabalho associativo; mas a soma de excitação
que dela foi separada precisa de outra utilização”¹¹.
Embora a questão da angústia não seja temati-
zada nesse artigo, ele, ao final, afirma:

[...] nas funções psíquicas devemos distinguir algo
(montante de afeto, soma de excitação) que possui to-
das as características de uma quantidade – embora não
tenhamos meios de medi-la –, algo que é susceptível de
aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que
se propaga pelos traços mnêmicos das representações,
mais ou menos como uma carga elétrica sobre a super-
fície dos corpos.¹²

Esta hipótese posteriormente virá a encontrar
seu fundamento no ponto de vista econômico

para Laplanche, Freud
estabelece um modelo
de aparelho psíquico como
máquina que efetua um certo
trabalho – modelo presente
já no Projeto para uma
psicologia científica e
na Interpretação dos sonhos

da metapsicologia freudiana e se consolidará nos
conceitos de pulsão e seus dois componentes,
o quantum de afeto e a representação.

Laplanche destaca a ideia de *exigência de
trabalho psíquico* nesse contexto teórico. Para ele,
Freud estabelece um modelo de aparelho psíquico
como máquina que efetua um certo trabalho –
modelo presente já no *Projeto para uma psicologia
científica* e na *Interpretação dos sonhos*. Trata-se de
um trabalho de ligação (*Bindung*) de uma energia
indiferenciada, de maneira que “ela deixe de fluir
livremente e fique ligada a determinados conteú-
dos”¹³. Não se trata apenas de um princípio teó-
rico para Freud. Laplanche chama atenção para
sua dimensão clínica, presente desde os primeiros
momentos da descoberta freudiana:

Freud percebe a importância de distinguir dois elemen-
tos dos fenômenos psíquicos: afeto, por um lado – rea-
ção emocional ou sentimental – e, por outro, represen-
tação – conteúdo ideativo. A distinção poderia parecer
abstrata, mas a descoberta concreta de Freud é de que
temos o direito de distinguir entre afeto e representação,
pois o que se observa é que esses elementos podem ser
independentes um do outro; que são susceptíveis de se
deslocar, um em relação ao outro; que um afeto pode se
reproduzir sem representação e que a psicanálise pode
permitir reencontrar a representação ausente; que um
afeto pode estar ligado a uma representação que não o
justifica de maneira nenhuma.¹⁴

3 J. Laplanche, *Problemáticas I, A angústia*, p. 11.

4 A importância do *Nebenmensch* diante do desamparo e angústia ori-
ginários do bebê, que está presente em Freud desde o *Projeto para
uma psicologia*, de 1895, é central para ambas as teorias da angústia.

5 S. Freud, Conferência 32, “Angústia e instintos”, in *Obras comple-
tas*, v. 18, p. 230.

6 É de 1920 a famosa nota de rodapé inserida nos *Três ensaios sobre a
teoria da sexualidade* (de 1905), em que Freud afirma que a angústia
neurótica se relaciona com a libido tal como o vinagre com o vinho,
sendo um produto de sua transformação – nota que dá mostras da
persistência do interesse de Freud em entender a relação entre pul-
são e angústia (p. 146).

7 Expressão presente em Freud e realçada por Laplanche, como ve-
remos a seguir.

8 Alguns textos dialogam com a leitura que propomos do desdobra-
mento destas questões em Freud, dentre eles: *Problemáticas I, A an-
gústia*; *Problemáticas II, Castração e simbolizações*, ambos de Jean
Laplanche; *A fundação do inconsciente*, de Silvia Bleichmar; *Adoe-
cimentos psíquicos e estratégias de cura*, de Luís Claudio Figueiredo
e Nelson Coelho Jr.; e *Ressonâncias da clínica e da cultura*, de Sil-
via Alonso.

9 S. Freud, “As neuropsicoses de defesa”, in *Obras completas*, v. 3.

10 S. Freud, “Sobre os motivos para separar da neurastenia um com-
plexo de sintomas, a ‘neurose de angústia’”, in *Obras completas*, v. 3.

11 S. Freud, “As neuropsicoses...”, p. 54.

12 S. Freud, *op. cit.* p. 30.

13 J. Laplanche, *A angústia*, p. 30.

14 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 12.



*também nas psicoses
é encontrado esse trabalho
de ligação do afeto
desqualificado da angústia,
com a concomitante
substituição representativa
por meio de mecanismos
psíquicos específicos*

As primeiras quarenta páginas do tomo de 1970 sobre a angústia iluminam os fundamentos da teoria freudiana sobre os afetos em sua relação com as representações. Em sua leitura da primeira elaboração sobre a angústia em Freud, Laplanche coloca em relevo a hipótese sobre a presença de uma energia indiferenciada que se especificaria por um trabalho de ligação a determinados conteúdos. Propõe que a angústia pode ser entendida como um processo de *desligamento*. Na medida em que podem ser concebidos diferentes níveis de ligação dessa energia, daquele mais rudimentar até redes de significação bastante elaboradas, propõe que é no nível mais baixo da ligação ou elaboração que “se coloca o problema da angústia ou do afeto”¹⁵. Nesse sentido, cita texto inicial de Freud: “A tensão sexual transforma-se em angústia em todos os casos em que, embora produzindo-se com força, ela não sofre a elaboração psíquica que a transformaria em afeto”¹⁶. E conclui:

[...] o próprio afeto já é apresentado como um nível de elaboração, um primeiro nível de ligação; a angústia seria, nesse caso, a *desorganização do afeto*, ou ainda, o afeto mais elementar, o mais primordial, o mais próximo de uma excitação que se descarrega de maneira não específica.¹⁷

Posteriormente, com o estabelecimento do conceito de pulsão e o aprimoramento dos conceitos

de recalque e de inconsciente como sistema psíquico com características próprias, esse processo será descrito como desligamento do afeto da representação, tornando-a inconsciente. O quantum de afeto, desligado da representação, será denominado de angústia. A angústia é, assim, considerada como afeto desqualificado, que emerge como angústia em consequência da ação defensiva.

Após o recalque, o trabalho psíquico defensivo diante da angústia tem prosseguimento no trabalho de simbolização: o aparelho psíquico busca encontrar representações substitutas que articulem a excitação/angústia a novos sentidos, de modo a controlar, modificar ou mesmo eliminar o afeto. Essas novas representações se acharão em conexão associativa com aquelas apartadas da consciência pelo recalque (de modo que poderão ser reencontradas pelo processo associativo). As diferentes neuroses serão definidas de acordo com o predomínio de modos particulares de *defesa*, ou seja, de ligar a excitação/angústia às novas representações, dando prosseguimento, de modo peculiar, em cada uma dessas configurações clínicas, à ação defensiva iniciada pelo recalque: histeria de conversão, fobias e neuroses obsessivas. Cabe destacar que o artigo de 1894 chama-se “Neuropsicoses de defesa”, pois também nas psicoses é encontrado esse trabalho de ligação do afeto desqualificado da angústia, com a concomitante substituição representativa por meio de mecanismos psíquicos específicos. Posteriormente (1914), serão denominadas neuroses de transferência, grupo do qual será excluída a psicose (que, junto à melancolia, passará a integrar o grupo das neuroses narcísicas).

No artigo posterior, de 1895, sobre as neuroses atuais¹⁸, o objetivo de Freud é distinguir, dentro do amplo quadro descrito na época como neurastenia, aqueles casos em que o sintoma nuclear é ou a angústia (a expectativa ansiosa, o ataque de ansiedade) ou seus diversos equivalentes psicossomáticos (tais como vertigens, suor excessivo, tremores, diarreias, fome intensa, distúrbios cardíacos e respiratórios, etc.), que surgem no lugar da expressão afetiva e quantitativa da angústia.



essa inadequação
entre a excitação e a
elaboração psíquica constitui
um modelo metapsicológico
que será desenvolvido
e tornado mais complexo
por diferentes autores
posteriores

Nessas situações, a sexualidade, tal como nas neuroses de defesa, também está presente como fator etiológico, mas, diferentemente, interessa a Freud mostrar que, no caso das neuroses atuais, a causa é atual, e o fator preponderante é somático, decorrente de um conjunto de perturbações e influências da vida sexual do paciente, ocasionando um acúmulo de “excitação somática de natureza sexual”¹⁹. No entanto, e o que é mais importante, é que, de forma paradoxal, esse acúmulo é acompanhado por um *decréscimo da libido sexual*, o que quer dizer que o paciente não sente desejo sexual. No lugar do desejo, sente angústia. Diz Freud:

[...] uma série de casos de neurose de angústia vem acompanhada de uma nítida *diminuição da libido sexual, do prazer psíquico*, de modo que os pacientes, ao ouvirem que sua doença se deve a “insuficiente satisfação”, costumam responder que isso é impossível, pois todo desejo se acha extinto neles nesse momento. Todos esses indícios, de que se trata de um acúmulo de excitação [...], favorecem a expectativa de que o *mecanismo da neurose de angústia deve ser buscado no desvio da excitação sexual somática da esfera psíquica e num consequente emprego anormal dessa excitação*.²⁰

Assim, diferentemente do que ocorre nas psicose neuroses, nas quais o conflito que deflagra a defesa ocorre no âmbito psíquico entre representações incompatíveis, nas neuroses de angústia, predomina o fator econômico. No entanto, a ideia principal não é apenas que há um acúmulo ou excesso de excitação por conta da insatisfação sexual, como pode parecer à primeira vista. Isso que aparece como excesso *decorre de uma falta ou insuficiência psíquica*, que Freud designa

como *diminuição da libido*. Segundo Laplanche, embora libido seja um conceito quantitativo e econômico, nesse momento “Freud designa por libido não a excitação física nem o desejo sexual somático, mas justamente o elemento psíquico, ou seja, as fantasias ligadas à atividade sexual”²¹, de modo que o que é determinante é a ausência de elaboração psíquica ou, pode-se dizer, simbolização da excitação somática – o que aproxima essa teoria, afirma Laplanche, do que posteriormente será desenvolvido pelas escolas de psicossomática. Assim, o principal, na hipótese freudiana, é que há uma inadequação entre a excitação sexual no nível somático e a capacidade de elaborar essa excitação no nível psíquico. A neurose de angústia é considerada como sendo “o resultado de todos os fatores que impedem a elaboração psíquica da excitação sexual somática”²².

Essa inadequação entre a excitação e a elaboração psíquica constitui um modelo metapsicológico que será desenvolvido e tornado mais complexo por diferentes autores posteriores para pensar diversas configurações e formas de sofrimento psíquicos nas quais predominam os fracassos da simbolização e as falhas na constituição do Eu, incluindo, além dos adoecimentos psicossomáticos, as síndromes do pânico, algumas formas de TDAH e estados-limite, dentre outros, em que a incidência de fracassos ambientais e fatores traumáticos deixaram sua marca. Nessas situações,

15 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 31.

16 Apud J. Laplanche, *op. cit.*, p. 30, extraído dos manuscritos enviados a Fliess.

17 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 30.

18 S. Freud, “Sobre os motivos...”.

19 S. Freud, *op. cit.*, p. 105.

20 S. Freud, *op. cit.*, p. 105.

21 J. Laplanche, *A angústia*, p. 26. Apenas posteriormente o termo *libido* passa a ser utilizado como equivalente a quantum de afeto ou soma de excitação, ou mesmo energia sexual.

22 S. Freud, “Sobre os motivos...”, p. 107.



a investigação sobre
a ideia de perigo
e seus efeitos psíquicos
é fundamental. Um dos motes
investigativos do texto é:
“onde há angústia, deve
haver também aquilo
que angustia”

as experiências vividas, as condições dos processos de inscrição psíquica e as vulnerabilidades do Eu passam a ser relacionadas, tanto em Freud quanto na psicanálise contemporânea, a essa insuficiência de elaboração psíquica. Assim, cada vez mais, tem sido dada ênfase à investigação sobre os efeitos psíquicos provenientes da relação com o outro significativo e relacionados aos fenômenos do entorno – meio ambiente próximo e social²³.

De forma geral, sobre sua primeira formulação da angústia, Freud enuncia que não faz diferença por qual motivo ocorreu esse *desvio da esfera psíquica* e a libido se tornou inutilizável, de forma a se converter em angústia: seja devido a processos somáticos da vida sexual, seja devido ao recalque ou, como veremos a seguir, por debilidade infantil do Eu²⁴.

Nessas situações, a angústia se manifesta como afeto indiferenciado e perturbador, desorganização do aspecto econômico da pulsão, índice de falhas no trabalho psíquico e, correlativamente, exigência de que este trabalho de ligação da excitação se realize. Trata-se de um trabalho de representatividade que se realiza sempre como trabalho defensivo diante do desligamento pulsional, mas que pode ser mais ou menos paralisante, repetitivo e cristalizado, como nos sintomas e configurações patológicas, ou mais ou menos elaborativo e sublimatório, favorecido pela situação analítica ou fora dela, na vida e nos vínculos com os outros.

Nesse sentido, polos em constante tensão e movimento, tanto as marcas e trilhas inconscientes como a especificidade das condições do Eu e de seus recursos simbólicos ganharão cada vez mais importância na elaboração freudiana, como voltaremos a pensar mais adiante.

A conferência de 1917,
momento de transição:
em primeiro plano a ideia de perigo

[...] na angústia neurótica [...] o perigo
[real] não desempenha papel nenhum ou
apenas papel muito pequeno [...].²⁵

Ainda no contexto da primeira elaboração de Freud sobre a angústia, a interessante Conferência 25, de 1917, denominada *A angústia*, não é apenas um resumo do que já havia sido pensado sobre a angústia nas diferentes configurações neuróticas. É isso, mas não só, sendo também uma conferência investigativa, na qual Freud introduz questões fundamentais, que serão decisivas para a reformulação da teoria sobre a angústia. Algumas noções que virão a ser centrais na segunda teoria, tais como *angústia realista*, *sinal de angústia* e *desenvolvimento de angústia*, já estão presentes nesse texto, assim como a importância do lugar do Eu no que diz respeito à angústia. Encontramos aí, também, a proposta de considerar o *ato do nascimento* como modelo para o afeto da angústia, assim como o assinalamento da proximidade e diferença entre os termos *Angst* (angústia ou medo), *Furcht* (temor) e *Schreck* (terror ou susto). Nesse contexto, a investigação sobre a ideia de *perigo* e seus efeitos psíquicos é fundamental. Um dos motes investigativos do texto é: “onde há angústia, deve haver também aquilo que angustia”²⁶, sendo a relação entre perigo – entendido como objeto causa da angústia – e angústia, fundamental para interrogar a diferença entre a *angústia realista* e a *angústia neurótica*. Mas vemos, no decorrer da conferência, que as questões que surgem são mais complexas do que pareceriam à primeira vista, assim como suas consequências, em especial no que



*é ainda sob o mote
da ideia de perigo e,
ligada a esta, na busca
por distinguir a angústia
neurótica da angústia
realista que Freud passa
a investigar a origem
da angústia nas crianças*

diz respeito ao abalo que já se produz desde este ponto na relação entre pulsão e angústia.

Em um primeiro momento, a diferença entre a *angústia realista* e a *angústia neurótica* é aparentemente evidente. A *angústia realista* se dá diante de um perigo real e trata-se de uma reação adaptada do Eu, com vistas à sobrevivência. Nessa situação, diante do perigo real, são a prontidão e o sinal de angústia (e não seu desenvolvimento) as reações eficazes e adaptadas, que possibilitam a ação da defesa²⁷. Já no que diz respeito às diferentes configurações neuróticas, Freud procede a uma análise detalhada sobre as diversas formas de manifestação da angústia, tendo como eixo organizador a relação de cada uma delas com o perigo. Dessa investigação, conclui que nas neuroses perde-se a conexão entre a angústia e o perigo real. Nelas, o perigo real não desempenha papel algum, ou desempenha um papel muito pequeno.

Assim, a ideia de perigo coloca, em especial, duas questões: qual a relação entre a *angústia realista*, que equivale a uma reação ao perigo real, e a *angústia neurótica*, que é “libido empregada de forma anormal”²⁸? E, no caso de levar-se adiante a proposta de que *onde há angústia, deve haver o que angustia*, como compreender a *angústia neurótica*? A resposta é, aparentemente, simples: a *angústia neurótica* ocorre diante da exigência pulsional. Freud afirma:

A ligação procurada estabelece-se por fim quando tomamos como premissa a *oposição*, já sustentada diversas vezes, entre *Eu* e *libido*. Como sabemos, o desenvolvimento da angústia é a reação do eu ao perigo e o sinal para o início da fuga. É natural, pois, que entendamos que, na *angústia neurótica*, o *Eu* empreende semelhante tentativa de fuga diante da demanda de sua libido e que

trata esse perigo interior como se fosse exterior. Assim se cumpre nossa expectativa de que, onde se manifesta angústia, também há algo que angustia. Mas essa analogia poderia ser levada adiante. Assim como a tentativa de fuga ante o perigo exterior dá lugar ao enfrentamento e a medidas que visam à defesa, também o desenvolvimento da *angústia neurótica* cede lugar à formação de sintoma, o que produz uma vinculação da angústia.²⁹

Mas cabe a pergunta: se a libido é o perigo que desperta a angústia, como a angústia pode ter se originado desta mesma libido? Freud aqui parece começar a se questionar sobre a relação entre a angústia e o processo defensivo, uma vez que pensá-la suscitada como reação ao perigo, seja ele perigo real, seja ele pulsional, requer situar a anterioridade da angústia em relação à defesa e não como consequência da defesa/recalque e transformação da libido, tal como proposto em sua primeira teoria. A angústia é consequência ou causa da defesa? A questão começa a se insinuar: “É a dinâmica topológica do desenvolvimento da angústia, ainda obscura para nós, a questão de que energias psíquicas são aí despendidas e de que sistemas psíquicos provém”³⁰.

É ainda sob o mote da ideia de perigo e, ligada a esta, na busca por distinguir a *angústia neurótica* da *angústia realista* que Freud passa a investigar a origem da angústia nas crianças. Seria a angústia na criança pequena *realista*, suscitada

23 Sobre essa temática, ver *O grão de areia no centro da pérola*, organizado por Flávio Ferraz e Paulo Ritter.

24 S. Freud, Conferência 32, p. 227.

25 S. Freud, Conferência 25, p. 531.

26 S. Freud, *op. cit.*, p. 531.

27 Mas logo mais veremos que Freud não mantém essa posição sobre o sinal de angústia ser tão adaptado assim.

28 S. Freud, *op. cit.*, p. 536.

29 S. Freud, *op. cit.*, p. 536.

30 S. Freud, *op. cit.*, p. 537.



a diferença entre
o que ocorre com
a angústia na primeira infância
e a manifestação da angústia
na fobia se deve a que, na fobia,
entra em ação o recalque
(e não a simples
ausência do objeto)

pela “consciência da própria debilidade e desamparo”³¹ diante do perigo (do escuro ou de estranhos, por exemplo) ou *neurótica*, decorrente da pressão do desejo pelo objeto em sua ausência e da impossibilidade da criança de tolerar essa emergência da libido ou empregá-la de outra forma (em referência à pouca capacidade sublimatória na infância)? Ele conclui, ainda no âmbito da primeira teoria da angústia, que a angústia na criança pequena diante da ausência do objeto de amor não é realista, pelo contrário, sua origem é semelhante à da *angústia neurótica* dos adultos. Na criança pequena, a libido aparece como anseio pelo objeto e se transforma em angústia, tal como nas neuroses: “nasce de libido *não empregada* e substitui o objeto amoroso faltante por um objeto exterior ou uma situação”³², de modo que o medo de escuro ou diante de estranhos – que aparentam ser medos realistas – decorrem do mecanismo de deslocamento, tal como se encontra em ação no sintoma fóbico³³.

Depreende-se do texto que a diferença entre o que ocorre com a angústia na primeira infância e a manifestação da angústia na fobia se deve a que, na fobia, entra em ação o recalque (e não a simples ausência do objeto): na neurose fóbica, é em consequência do recalque da representação que a libido é liberada como angústia e, mediante o trabalho da defesa, liga-se a uma representação substituta, em conexão com aquela recalcada, de

forma que um novo objeto se apresenta ao sujeito no mundo externo como perigoso. O que ocorre com a criança pequena tem, assim, maior proximidade com as neuroses atuais, relacionado à ideia de um certo transbordamento, efeito do descompasso entre a excitação e os recursos do Eu. Veremos como na segunda teoria da angústia estes aspectos encontrarão seu lugar, articulando-se aos conceitos de desamparo e traumatismo. Destaca-se ainda, nesse texto, o caminho pelo qual é afirmado que a angústia na criança pequena não é realista. Afirmar Freud:

Seria muito desejável que ela tivesse herdado mais desses instintos protetores da vida; isso facilitaria muito a tarefa de vigiá-la, que deve impedir que a criança se exponha a um perigo atrás do outro. Na realidade, porém, inicialmente a criança superestima suas forças e age sem medo, porque desconhece os perigos. Vai correr à beira d'água, subir no parapeito da janela, brincar com objetos cortantes e com fogo – em suma, fará tudo aquilo que pode machucá-la e causar preocupação a seus responsáveis. Quando nela desperta por fim a *angústia realista*, esta é obra unicamente da educação, uma vez que não se pode permitir à criança que faça por si própria as descobertas instrutivas.³⁴

Ora, esse raciocínio freudiano, ao mesmo tempo que insiste na falta de solidez da ligação entre afeto e representação, desconstrói a ideia de uma angústia adaptativa, em resposta a algo que representaria, de fato, um risco real para a vida, além de mostrar que, para a criança pequena, se impõe a presença do outro como construtor do psiquismo e do mundo marcado pela cultura, simultaneamente. Essa observação é bastante importante e pode ser relacionada a outros momentos da obra, que permitirão entender a angústia de castração em Freud não como um perigo real, mas como relacionada às teorias sexuais infantis, tal como afirma Laplanche³⁵ e, nesse sentido, contingente a determinadas experiências individuais e ao contexto sócio-histórico particular, como podemos seguir pensando, a partir de muitos aspectos do próprio texto freudiano.



De todo modo, apesar das questões que aparecem, Freud segue sustentando a conceptualização da primeira teoria. Nas páginas finais, enuncia claramente sua hipótese sobre o destino do afeto no recalque: “Deixamos sempre de lado, porém, o que se passa com o afeto vinculado à ideia recalçada, e só agora descobrimos que o destino imediato desse afeto é ser transformado em angústia”³⁶. O afeto é um processo de descarga, e o desenvolvimento de angústia está intimamente ligado ao sistema inconsciente. Após a libido ser transformada em angústia, nas neuroses atuam processos que buscam vinculá-la, dando prosseguimento ao trabalho de defesa contra a possibilidade do desenvolvimento de angústia através da formação dos sintomas ou medidas protetivas. Cabe, ainda, ao *contrainvestimento* do Eu não apenas sustentar o recalque, como levar adiante várias destas formas de defesa contra o desenvolvimento de angústia após o recalque.

São formulações bastante interessantes. Nelas, Freud alcança alguma articulação entre as duas dimensões que pareciam contraditórias: a angústia como consequência da defesa/recalque e, também, como causa do processo defensivo. Ao mesmo tempo que efeito do recalque e transformação da libido, a angústia, nesta formulação, é ela mesma perigosa e desestabilizadora. É o próprio perigo que exige medidas defensivas e protetoras, afeto perturbador a demandar proteção,

*embora se mantenha
dentro dos parâmetros
da primeira teoria pulsional,
Freud oscila em três pontos
principais: sobre a relação
entre a angústia
e a pulsão, a angústia
e a defesa, e a relação
da angústia com o Eu*

controle e apaziguamento, o que, de modo paradoxal, é, em certa medida, alcançado com a formação dos sintomas. E, embora fique afirmado que o desenvolvimento de angústia se acha ligado ao inconsciente, é evidente o quanto o Eu é afetado e exigido a se comprometer nesse trabalho de domínio da angústia.

Talvez possamos dizer que, embora se mantenha dentro dos parâmetros da primeira teoria pulsional, Freud oscila em três pontos principais: sobre a relação entre a angústia e a pulsão, a angústia e a defesa, e a relação da angústia com o Eu.

Assim, ainda não é possível depreender dessa conferência que o Eu é o lugar da angústia, mas já se anuncia que o que pode ser concebido pelo Eu como sendo perigoso é correlativo às suas condições e ao seu momento de estruturação na relação com o outro significativo, aspectos que se intensificarão a partir do texto de 1926.

A conferência é encerrada com um novo questionamento sobre a *angústia realista*, agora no que diz respeito à sua relação com os instintos³⁷ de autoconservação do Eu, relação até então considerada incontestada. Essa pergunta alcança algum desdobramento na Conferência 26: *A teoria da libido e o narcisismo*³⁸. Na última página dessa conferência, após os desenvolvimentos sobre o narcisismo, correlativos à possibilidade da libido de investir o próprio Eu e ficar ali armazenada como em um *reservatório de libido*, Freud propõe que

31 S. Freud, *op. cit.*, p. 538.

32 S. Freud, *op. cit.*, p. 541.

33 Ref. a *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, nota de 1905, exemplo de Freud, em que a voz, a indicar a presença, apazigua o medo do escuro. “Tia, fale comigo; tenho medo, porque está muito escuro”. “De que adianta? Você não está me vendo”. Ao que o menino respondeu: “Não importa, quando alguém fala, fica claro” (p. 146). Na Conferência 25, p. 539, Freud afirma: “O anseio [pela mãe] na escuridão se torna angústia ante a escuridão”.

34 S. Freud, *op. cit.*, p. 540.

35 J. Laplanche, *Problemática II: Castração e simbolizações*.

36 S. Freud, Conferência 26, p. 542.

37 Não cabe aqui reabrir o debate já tão antigo e estabelecido sobre a importância de traduzir o termo *Trieb* por pulsão, mas cabe assinalar que, no caso específico do termo *Selbsterhaltungstribe*, considero conceitualmente correto seguir a proposta tão questionável de tradução de Paulo César Souza e aceitar o termo *instintos de autoconservação*.

38 S. Freud, Conferência 26, “A teoria da libido e o narcisismo”.



*na segunda teoria
da angústia, Freud afirma,
com todas as letras,
que o Eu é a sede da angústia
e que somente o Eu pode produzir
angústia, o que poderíamos
relacionar a essa hipótese
sobre a libido do Eu narcisista
ser a fonte da angústia*

a angústia não é responsabilidade dos instintos autoconservativos do Eu, mas sim da libido do Eu, ou seja, da libido narcísica. O que é atribuível ao instinto de autoconservação do Eu é a percepção do perigo e a ação, que podem ser adequadas e a serviço da manutenção da vida. O estado de angústia, pelo contrário, é, em alguma medida, sempre inadequado, pois perturba a ação adaptada. Curioso lugar do instinto de autoconservação, pois, como sinalizamos, Freud havia acabado de mostrar que a percepção do perigo não é herdada, e sim fruto da educação. No entanto, o que desejamos enfatizar nesse trecho é que a fonte da *angústia realista* passa a ser considerada como sendo sempre libidinal, no sentido da libido do Eu narcisista. O que vem primeiro é a percepção do perigo, a qual suscita, simultaneamente, tanto a ação, que é adequada à manutenção da vida e atribuída às tendências autoconservativas, como o sinal de angústia, que estaria a cargo da libido do Eu. A ação adaptada e adequada à sobrevivência não é se angustiar, é só agir.

Freud nesse trecho parece se referir especialmente à *angústia realista*, mas creio que, com ainda maior precisão, caberia situar a fonte da *angústia neurótica* como sendo proveniente da libido do Eu narcisista. Podemos, assim, retomar o início da Conferência 25 e reformular a pergunta que então se apresentou: na neurose, diante de que perigo reage o Eu libidinal com angústia? Se existe

uma educação que ensina sobre o que costuma ser experienciado como perigo real e adaptado, que não é então pré-determinado, o que dizer sobre o *perigo neurótico*, que não é de forma alguma realista? O que teme o Eu libidinal e narcisista? Freud havia respondido: a *angústia neurótica* ocorre diante da exigência pulsional. Encontramos, então, as pulsões sexuais em ambos os lados do conflito e vemos ressoar, aqui, os impasses sobre o dualismo pulsional com os quais Freud havia deparado em *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Nesse sentido, cabe perguntar o quanto essa definição da situação tópica da angústia é retomada por Freud e de que forma ela pode se inserir na segunda formulação sobre a angústia.

De fato, na segunda teoria da angústia, Freud afirma, com todas as letras, que o Eu é a sede da angústia e que somente o Eu pode produzir angústia, o que poderíamos relacionar a essa hipótese sobre a libido do Eu narcisista ser a fonte da angústia. No entanto, Freud não dá seguimento a essa linha de pensamento e, ao mesmo tempo que afirma que a questão sobre *de que material é feita a angústia* perdeu o interesse e que já não diria que a própria libido é transformada em angústia, assim como que a função da angústia como sinal anunciador de uma situação de perigo parece responder a muitas questões³⁹, sugere a possibilidade de uma dupla origem da angústia, o que é bastante importante.

À guisa de introdução à segunda teoria da angústia

A complexidade do novo momento instaurado com *Inibição, sintoma e angústia* não nos permite pressa. As “pecinhas” do quebra-cabeça metapsicológico ficam desarrumadas e novas peças são incluídas, exigindo encontrar outra composição. Assim, muitas questões se colocam para seguirmos pensando na relação entre angústia e recursos psíquicos de elaboração.

A segunda teoria da angústia é formulada por Freud após as reformulações decorrentes do segundo dualismo pulsional, da segunda tópica e

da maior parte da elaboração final sobre o Édipo e sua articulação ao complexo de castração – sendo anterior, no entanto, aos textos finais sobre a feminilidade. É apresentada em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*. Texto de vulto, complexo e trabalhoso, interessante, mas de difícil apreensão, que exige sucessivas leituras e gera desconforto. Por onde abordá-lo? Que questões o mobilizaram, levando à sua construção? Em 1933, na Conferência 32 das *Novas conferências de psicanálise*, Freud nos oferece uma sistematização de suas principais conclusões, que, no entanto, não resolve a perturbação do inquieto e por vezes contraditório trabalho original, cujas partes não parecem se ajustar muito bem.

Não cabe lamentar que a ideia de transformação da pulsão em angústia tenha caído por terra, mas buscar entender como a verdade clínica dessa relação pulsão/angústia se mantém neste segundo momento.

A proposta a que Laplanche chega a esse respeito é clara, resta saber se é suficiente para responder às questões que essa virada teórica deixa em aberto. Ele contribui para elucidar algumas das interrogações que precisam ser feitas, ao afirmar que a angústia é um afeto primário e sem objeto, que se produz no Eu em resposta ao ataque pulsional libidinal do Id⁴⁰. É, assim, reação do Eu ao desligamento pulsional, o que é muito diferente de apoiar a concepção de Freud em sua primeira teoria sobre a transformação da libido em angústia. A produção do sintoma, consequentemente, diz respeito à expressão e *ligação* (*Bindung*) da pulsão – e não mais da angústia, posto que não são mais feitas da mesma matéria.

No entanto, é importante manter a pergunta e seguir a trilha, nesse novo momento teórico,

»
a escuta do modo
como se configura
a angústia em cada um
e das forças em conflito
que a produzem
inaugura e sustenta
a situação analítica

sobre qual o papel da angústia em relação aos processos de *ligação* psíquica, tanto no desencadeamento das defesas e formação dos sintomas, por um lado, como também da elaboração psíquica e suas falhas, por outro. Deixaremos essa tarefa para outra oportunidade.

A experiência de angústia é determinante da demanda de análise. A escuta do modo como se configura em cada um e das forças em conflito que a produzem inaugura e sustenta a situação analítica, numa escuta dos avanços e recuos, abertura e fechamento em relação ao medo/desejo, angústia/prazer: matéria vertente, como diria Guimarães Rosa. Trata-se de um trabalho psíquico de *ligação/desligamento* e elaboração em transferência.

Se iniciei o texto com o jagunço Riobaldo falando a um outro em busca de entender do medo e da coragem, foi porque esse pequeno trecho de *Grande sertão* me pareceu condensar, com precisão, a densidade da presença dos sujeitos em análise, afetados por forças em conflito e exigidos a entender essa *gã* que dá corpo ao suceder.

39 S. Freud, Conferência 32, p. 230.

40 J. Laplanche, *Las fuerzas en juego en el conflicto psíquico*, p. 122.

Referências bibliográficas

- Alonso S. (2022). *Ressonâncias da clínica e da cultura*. São Paulo: Blucher.
- Bleichmar S. (1993). *A fundação do inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferraz F.; Ritter P. (orgs.) (2022). *O grão de areia no centro da pérola*. São Paulo: Blucher.
- Figueiredo L.C.; Coelho Jr. N. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura*. São Paulo: Blucher.
- Freud S. (1894/2023). As neuropsicoses de defesa. In *Obras completas*, v. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1895/2023). Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a “neurose de angústia”. In *Obras completas*, v. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1905). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas*, v. 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1915/2004). *Pulsão e seus destinos. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. 1. Coord. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1916-1917/2014). Conferência 25, A angústia. Conferências introdutórias à psicanálise. In *Obras completas*, v. 13. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1916-1917/2014). Conferência 26, A teoria da libido e o narcisismo. Conferências introdutórias à psicanálise. In *Obras completas*, v. 13. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1932/2010). Conferência 32, Angústia e instintos. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In *Obras completas*, v. 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Laplanche J. (1980/1987). *Problemáticas I: A angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1980/1988). *Problemáticas II: Castração e simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1994/2001). Las fuerzas en juego en el conflicto psíquico. In *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Rosa J. G. (1956/1985). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Anxiety and psychic labor in Freud as vectors of listening in psychoanalysis

Abstract This article focuses on the first theory of anxiety and in the transition from the first to the second theory, seeking to understand the internal logic of the first theory regarding the relationship between anxiety and psychic work, and also to develop some theoretical frameworks that contribute to the examination of this relationship in the second theory.

Keywords anxiety; drive; psychic work; affect; representation; defense; Ego.

Texto recebido: 04/2026

Aprovado: 05/2026